



Sociedade das Ciências Antigas

Pequenas reflexões sobre temas essenciais

- O Tetragrama
- Adonay
- A diferença entre Alma e Centelha Divina
- Um breve paralelo entre a divisão quinária da Kabbalah para os corpos do homem e a divisão setenária do ocultismo ocidental
- Individualidade X Individualismo
- O Decálogo (Êxodo, capítulo 20)
- As Virtudes e os Dons do Espírito Santo
- A Presença Divina ou Shekinah na alma do homem

O Tetragrama



Acredita-se que o Tetragrama hebraico designa o nome pessoal do “Deus de Israel”, como foi originalmente escrito e encontrado na Torah, o primeiro livro do Pentateuco. Este tetragrama varia como YHWH, JHVH, JHWH e YHVH. Em algumas obras, especialmente no Antigo Testamento, escrito em sua maioria em hebraico com partes em aramaico, o Tetragrama surge mais de 6 mil vezes (de forma isolada ou em conjunção com outro nome divino). Porém, há ainda uma crença entre os judeus do início do período cristão, de que a própria palavra Torah seria parte do nome divino. Há outra relação interessante encontrada nos nomes originais de Adão e Eva, Yod e Chawah, respectivamente. Uma combinação entre estes dois nomes resulta numa das variações do tetragrama YHVH, fato que sugere uma relação entre Criador e criatura. Com o decorrer do tempo, foram adotados outros termos para se referir ao Tetragrama: “O Nome”, “O Bendito” ou “O Céu”.

O místico cristão Jacob Boehme, utilizando-se de uma cabala gráfica, a *Árvore da Vida*, encontrou os 72 nomes de Deus (publicado em 1652, no livro *Oedipus Aegypticus*). Sendo que todos são formados por apenas quatro letras, o que caracteriza o Tetragrama.

Segundo Israel Regardie, em seu livro “*Magia Hermética: A Árvore da Vida, Um Estudo Sobre a Magia*”, a fórmula do Tetragrammaton aplica-se aos Quatro Mundos e aos quatro elementos primordiais. A letra “Y” é atribuída ao mundo arquetípico, sendo o Pai o gerador de tudo, o todo-devorador dos mundos. Neste caso, o “Y” também representa o elemento Fogo, que anuncia a natureza ativa, impetuosa e espiritual do Pai. O primeiro “H” do Tetragrammaton associa-se ao mundo criativo. Sendo receptivo e passivo, a ele pertence o elemento Água. Esse plano simboliza a mãe que, antes que o Filho possa ser gerado, aguarda a energia criativa e o influxo da vida divina proveniente do Pai. Cabe ao mundo formativo, a letra “V”, sendo atribuída a esta letra o elemento Ar, pois sendo o Filho, tal como o Pai, é também ativo, masculino e energético. Para complementar o nome divino, o segundo “H” é similar à Mãe, passivo e inativo, recebe quaisquer influências que sejam derramadas em seu interior. No *Livro dos Esplendores* “H” é duplamente chamado de Palácio do Rei e Filha, ao representar o mundo físico, síntese de todas as esferas.

A árvore, composta de raízes, tronco, galhos e frutos, é vista na Cabala como uma metáfora para o processo pelo qual a luz e energia Divinas são canalizadas na Criação. Como em toda metáfora que contém quatro componentes intrínsecos, esta reflete, também, o fluxo meditativo-criativo associado às quatro letras do Tetragrama Sagrado. As raízes correspondem ao Yod do nome Divino, denotando o ponto da essência no coração de toda realidade emergente; o tronco, ao primeiro He, significando a expansão inicial do potencial interior, os galhos ao Vav, o poder da extensão quando se passa no “reino oculto” de puro potencial para o “reino elevado” da consecução; e o fruto corresponde ao He final do nome Divino, como a expressão suprema do ser, atingido pela manifestação do potencial interior dentro do contexto revelado da Criação.

O Yod e o primeiro He do Sagrado Tetragrama, que são as raízes e o tronco da árvore, representam os poderes ocultos da inteligência – Hockmah (Sabedoria) e Binah (Entendimento) - que são organicamente unidas num elo inquebrantável. O Vav e o He final, correspondentes aos galhos e frutos, representam a gama dos atributos Divinos revelados – expressos pelo efeito e ação.

O primeiro mundo a emergir da Luz Infinita de Deus, Emanação (Atziluth), corresponde ao Yod insubstancial do nome Divino. Este mundo existe, oculto da visão, num estado absoluto de auto-anulação, fundido à energia Divina (semelhante à força do crescimento no solo) que gera todos os domínios contíguos da Criação. Os três mundos da Criação (Beriah), da Formação (Yetzirah) e da Ação (Assiah) correspondem às três últimas letras do nome Divino, simbolicamente referidas na língua cabalística como a “cabeça”, o “tronco” e os “pés” da consciência criada.

O Tetragrama Sagrado, YHVH, é uma espécie de código genético que ordena tudo o que existe. É a combinação diferente feita com essas quatro letras, que desdobradas e combinadas de várias maneiras, forma as outras letras, num total de 22, somente consoantes, que em seguida, combinadas, formam 72 combinações diferentes, que são 72 expressões diferentes da energia inicial do nome de Deus.

Desta forma, de acordo com os Cabalistas, existem 10 nomes Divinos que também indicam os atributos de cada Esfera ou Sefira da Árvore Cabalística. Destes nomes divinos, formados pela vibração das letras, emanam as outras 72 combinações, que são 72 nomes sagrados, que se estabelecem como energias chamadas de Gênios, que comandam e ordenam a atribuição da Esfera com a ajuda dos Coros Angelicais. Eles agem como uma hierarquia de formação, controle e cristalização da energia primeiramente gerada.

Estes 72 Gênios ou Anjos possuem sob sua proteção uma determinada energia, uma ordem biológica, e também todas as pessoas que nascem com a influência dessa energia. Estes 72 nomes são as seqüências de três letras hebraicas que têm o poder extraordinário de superar as leis da natureza humana, e estão codificadas na história da Bíblia que fala a respeito da separação do Mar Vermelho. Estas seqüências são como condutores que transmitem vários tipos de energia desde a Luz até o corpo físico. Usando o poder dos 72 nomes e superando suas naturezas reativas, Moisés e os Judeus foram capazes de realizar o milagre do Mar Vermelho.

As formas, sons, seqüências e vibrações dos 72 Nomes irradiam forças energéticas, atuando como antenas que estimulam e liberam as formas da mesma energia invisível da Criação. Esta Luz purifica os corações, sua influência espiritual limpa impulsos das naturezas humanas, sua Energia Sagrada remove emoções arrebatadas e intolerantes, medos e ansiedades. Cada letra significa uma energia específica, e cada som representa uma força energética diferente; as diferentes combinações criam diferentes tipos de energia.

As Três letras YHV são três Forças Espirituais – uma carga positiva, uma carga negativa, um fio terra – que cria um circuito de energia Espiritual. Ler, verbalizar, meditar ou simplesmente

mentalizar estas letras e suas seqüências ajuda a ativar as várias forças espirituais a que cada uma delas está conectada, trazendo-as para dentro da alma e do ambiente que rodeia o homem.

ADNY (Adonay)

A Cabala, tradição esotérica dos judeus, considera o nome de Deus sagrado e impronunciável; os “Massoretas”, um grupo de sábios judeus, incorporou “acentos” que serviam como vogais e viabilizavam a pronúncia do nome divino, resultando na palavra **Adonay**. Jeová, Iehovah, Javé, Iavé ou Yahweh são adaptações da palavra Adonay para a língua portuguesa.

Deus, no Antigo Testamento, revelou-se como “Aquele que É”, através do nome próprio YHWH, que os judeus conheciam como “Sagrado Tetragrama”, ou seja, “As Quatro Letras Sagradas”. Sempre que estavam lendo as Escrituras, no caso os livros do Antigo Testamento, e encontravam este Tetragrama, substituíam-no por “Adonay” que significa “Meu Senhor”, em virtude da extrema reverência que tinham ao Tetragrama (diziam que era o “Nome que se via, mas não se lia”). No Século VII os rabinos fundiram as vogais de “Adonay” ao Sagrado Tetragrama e obtiveram a forma “Yehowah” (Jeová, em Português), já que o primeiro “A” de Adonay corresponde, na verdade, a um “E”, por ser mudo. Contudo, a pronúncia correta do Sagrado Tetragrama é Yahweh (Javé, em português), ou seja, “Aquele que É” em hebraico. Mesmo assim, o Antigo Testamento cita Deus com outros nomes. Com estes artifícios foi ocultada a pronúncia correta do Sagrado Tetragrama aos olhos de leitores “indesejados”, e ao mesmo tempo, os Massoretas se preservaram de pronunciar, eles mesmos, o Nome.

A diferença entre Alma e Centelha Divina

Como a alma é uma centelha de Divindade, considera-se que é infinita por si mesma e que representa a conexão eterna e inquebrantável da pessoa com o Todo Poderoso. Mas aqui, nesta frase, veja-se que os termos são usados como sinônimos, mas na verdade não o são. Há uma diferença entre Alma e Centelha Divina.

O homem tem dois tipos de alma: a “alma animal” (Nefesh HaBehamit), faísca de Deus contida no sangue, isto é, contida nos processos da vida químico-fisiológica que é responsável pelos sentimentos e pela inteligência natural do ser humano. Como esta “alma animal”, para atender às suas necessidades materiais, afasta o homem do plano espiritual, é chamada no Talmud de “má inclinação”.

Este tipo de alma existe no homem e em todos os tipos de criaturas vivas, sendo transmitida através do material genético no momento da concepção, e se expande à medida que amadurecemos. A inteligência das diversas espécies animais varia muito de uma espécie a outra. O intelecto do ser humano é muito diferente do intelecto dos animais, e sua “alma animal” é responsável por atributos e faculdades tais como a imaginação, a memória, a inteligência e a vontade.

O homem, além desta “alma animal” possui uma alma única entre todas as criações de Deus. Ao descrever a criação de Adão, diz a Torah: “Deus formou o homem da poeira da terra, e depois soprou em suas narinas a alma da vida – Nishmat Chaim”. O homem, então, tornou-se uma criatura viva – Nefesh Chayá (Gênese, 2:7). A Torah indica que a alma humana veio diretamente da Essência mais íntima de Deus. O restante da criação, por sua vez, foi criado por Deus através da Palavra Divina, que é de um nível inferior, pois assim como as ondas sonoras são geradas por uma pessoa, mas não constituem a própria pessoa, da mesma forma o restante da Criação emana do Poder de Deus, mas não de Sua Essência.

Este segundo tipo de alma que só os seres humanos possuem, a **alma divina**, é uma entidade espiritual muito diferente e mais elevada que a “**alma animal**”. A “alma divina” dirige a “alma

animal” – o lado material – e é através dela que a alma, como um todo, cumpre suas funções e sua missão na terra. Em cada momento da vida do homem neste mundo físico, interagem o lado espiritual e o material, um influenciando o outro. O contato e a atração mútua entre o corpo e a alma criam uma contingência, uma situação única, gerando a pessoa humana, que não é nem só corpo, nem só alma, mas uma fusão dos dois.

A “alma divina” é frequentemente denominada “entidade singular” por ser única em sua missão. Pois, apesar de todos os laços que unem cada alma individual à sua Fonte Superior, cada uma dessas é única e especial em sua essência, em sua capacidade e naquilo que delas se exige. Não há duas almas que coincidam quanto aos atos, funções e caminhos que percorrem.

A tradição escolástica e, notadamente, o pensamento tomista, irá distinguir três níveis na alma humana: a alma vegetativa que governa as funções elementares de nutrição e reprodução, de movimento bruto; a alma sensitiva que rege os órgãos dos sentidos e a alma racional, da qual dependem as operações superiores de conhecimento (*intellectus*) e de amor (*appetitus*). É pela alma racional que o homem se distingue dos outros animais e se diz à *imagem e semelhança de Deus*. No extremo de sua perfeição, alcança a *Mens*, a parte mais elevada da alma, destinada a receber a graça, a tornar-se o templo de Deus e a gozar diretamente da visão beatífica. A alma é constituída da mesma substância que os astros, o éter, animada de um movimento circular perpétuo, ao contrário dos elementos terrestres que se movem retilineamente. O movimento circular, assegurador da imortalidade, é próprio da alma, porque é próprio do éter. Sendo as almas da mesma essência que os astros, seu desejo inconsciente é voltar a eles, daí a vontade pelas coisas do alto, pelas coisas divinas.

Deus presenteia o homem com uma pequena porção de Sua Luz, a Centelha Divina, no momento da concepção astral, colocando-a em seu ser. Quando se encarna, o espírito se divide em **Alma** e **Centelha Divina**, que ocupam posições definidas no corpo físico. A **alma** é dirigida ao cérebro (**Kether**) e a **Centelha Divina** ao coração (**Tiferet**). Eis a diferença. Ambas são energias de tipos e de localizações diferentes no corpo físico, de acordo com a árvore cabalística, sendo que são dependentes e interagem, uma se sentindo atraída para a outra.

A formação trina da alma segue os três princípios da manifestação divina: o primeiro, conforme a natureza eterna, com a propriedade do fogo; o segundo, conforme a propriedade da luz eterna ou luz divina; e o terceiro, conforme a propriedade do mundo exterior.

A alma tem em sua essência o intenso e incessante desejo da luz divina, isto é, a virtude espiritual com o fim de manter e preservar sua vida de fogo. Segundo a Cabala, o homem é composto das mesmas “forças fundamentais”, da mesma “matéria prima”, através das quais Deus deu forma e conteúdo à Sua Criação: as Dez Sephiroth. Estas se originam no Infinito do *En Sof* e emanam através dos mundos, criando uma “corrente espiritual” que liga e vivifica todas as coisas. É através das sephiroth que a Energia Divina flui, permeia e se torna parte de cada coisa vivente.

A **alma** do homem – a Neshamah - é o “cordão umbilical” que transcende todos os universos e nos liga ao Infinito, ao *En Sof*, a Deus. Sendo composta da essência interior das sephiroth, a **alma humana** manifesta os atributos ou qualidades das mesmas. Portanto, pode-se dizer que a alma humana é o “cabo condutor” através do qual fluem e se individualizam as 10 sephiroth, enraizadas no mundo espiritual, tornando-se as bases da personalidade. A maneira pela qual cada um se relaciona com o seu meio é o “produto” das possíveis combinações de sephiroth.

Um breve paralelo entre a divisão quinária da Kabbalah para os corpos do homem e a divisão setenária do ocultismo ocidental

A visão da Kabalah

Segundo a Kabalah, o homem é composto das mesmas “forças fundamentais”, da mesma “matéria prima”, através das quais Deus deu forma e conteúdo à Sua Criação: as Dez Sephiroth. Estas se originam no Infinito do *En Sof* e emanam através dos mundos, criando uma “corrente espiritual” que liga e vivifica todas as coisas. É através das sephiroth que a Energia Divina flui, permeia e se torna parte de cada coisa vivente.

Em cada um dos três Mundos da Criação (Briah), Formação (Yetzirah) e Realização (Assiah) existem três aspectos: a) as Dez Sephiroth que constituem as linhas divinas que iluminam cada mundo, b) as Almas (Neshamot) e Espíritos (Huhot) e Espíritos Primitivos (Nefashot) da humanidade e c) tudo o mais que existe em cada um dos mundos é denominado sob os termos de Anjos, Paramentos e Átrios ou Salas – todos possuindo inumeráveis partes. Entretanto, mesmo que o Zohar explique detalhadamente todas as partes de cada mundo, os mundos principais estão sempre centrados nos aspectos das Almas (Neshamot) humanas de cada mundo. Quando entra em explanações sobre os outros aspectos, meramente o faz para clarificar o que as Almas (Neshamot) recebem deles. Entretanto, o Zohar não devota uma única simples palavra a nada que não esteja conectado com aquilo que as Almas (Neshamot) recebem.

O Sagrado decidiu preparar suas criaturas para alcançar o nível mais alto, através de um sistema ordenado de quatro níveis, que se desenvolvem um a partir do outro, e são, na realidade, os quatro aspectos do “desejo de receber” que são chamados Inanimados, Vegetativos, Animais e Humanos.

Já os Mundos podem ser divididos em cinco, conforme o quadro abaixo:

Mundos	
1. Adam Kadmon	- Homem Primordial
2. Atziluth	- Emanação
3. Briah	- Criação
4. Yetzirah	- Formação
5. Assiah	- Ação ou Realização

Estes cinco mundos são vestidos por cinco luzes, a saber:

Mundos	Luzes de que são vestidos
1. Adam Kadmon - Homem Primordial	Yehidah - Individualidade
2. Atziluth - Emanação	Hayyah - Vida
3. Briah - Criação	Neshamah - Alma
4. Yetzirah - Formação	Ruah - Espírito
5. Assiah - Ação ou Realização	Nefesh - Espírito Primitivo

As luzes são divididas de acordo com seus veículos. A sephirah MALKUTH (Reino) é a cobertura mais espessa que esconde ou oculta a Luz do Abençoado Sem-Fim. A Luz que ela transmite Dele para aqueles que a recebem, vem apenas em pequenas quantidades e está conectada à pureza somente da parte INANIMADA do corpo de um homem, conseqüentemente, é chamada de ESPÍRITO PRIMITIVO – NEFESH.

O veículo de TIFERET – Beleza é mais refinado que o veículo de MALKUTH (Reino) e a luz que transmite do Abençoado Sem-Fim está conectada à parte VEGETATIVA do corpo do homem, porque ela o ativa mais que a luz de NEFESH (Espírito Primitivo) e ela é a luz de RUAH. ESPÍRITO.

Veículo - Sefirah	Conectado com a parte	Luz que transmite
MALKUTH - Reino	INANIMADA do corpo do homem	NEFESH – Espírito Primitivo
TIFERET - Beleza	VEGETATIVA do corpo do homem	RUAH - Espírito
BINAH - Inteligência	ANIMAL do corpo do homem	NESHAMAH – Alma
HOCKMAH - Sabedoria	HUMANA do corpo do homem	HAYYAH - Vida

A Luz de RUAH só poderá ser encontrada no MUNDO DA FORMAÇÃO – YETZIRAH

A Luz de NESHAMAH só poderá ser encontrada no MUNDO DA CRIAÇÃO – BRIA

A Luz de NEFESH só poderá ser encontrada no MUNDO DO REINO – MALKUTH

A distinção entre cada um dos Mundos com os outros deve ser entendida através da distinção dos cinco aspectos de NEFESH, RUAH, NESHAMAH, HAYYAH e YEHIDAH.

Assim, em cada Mundo correspondente a cada estágio da Luz, o homem deve purificar permanentemente pelos menos a Sefirah que corresponde àquele Mundo e àquela parte da Luz espiritual, e ao fazer isto recebe a Luz superior para as outras Sephiroth.

Podemos resumir, de acordo com Éliphas Lévi, a Pneumática cabalística, da seguinte forma: a alma é uma luz vestida; esta luz é tríplice: **Neshamah** – o espírito puro, **Ruah** – a alma ou espírito e **Nefesh** – o mediador plástico. O vestuário da alma é a casca da imagem; a imagem é dupla, porque reflete o bom e o mau anjo.

Nefesh é **imortal** e se renova pela destruição das formas; **Ruah** é **progressiva** pela evolução das idéias; **Neshamah** é **progressiva**, sem esquecimento e sem destruição. Há três lugares para as almas: o foco dos vivos, o Éden superior e o Éden inferior. A imagem é uma esfinge que estabelece o enigma do nascimento. A imagem fatal dá a **Nefesh** suas aptidões; porém, **Ruah** pode substituir-lhe a imagem conquistada conforme as aspirações de **Neshamah**.

Ainda, segundo o mesmo Mestre, o **corpo** é o molde de **Nefesh**, que é o molde de **Ruah**, que é o molde do vestuário de **Neshamah**. A luz se personifica revestindo-se e a personalidade só é estável quando o vestuário é perfeito. Esta perfeição na terra é relativa à alma universal da terra.

A visão Teosófica

De acordo com o ensino Teosófico o homem é um ser sétuplo, isto é, tem uma constituição setenária. Sob este ponto de vista, a natureza do homem tem sete aspectos, pode ser estudada de sete diferentes pontos de vista, é composta de sete princípios. O modo mais claro para abordar esta constituição setenária é imaginar o homem como um ser Uno, o Self Verdadeiro, sendo assim, é um raio de Deus (uma centelha divina), que vai se tornar um indivíduo, refletindo a perfeição divina, será um filho que cresce à semelhança de seu pai.

Para cumprir este propósito, o Eu Verdadeiro, veste-se com roupa após roupa (trajes), cada uma pertencendo a uma região definida do universo e capacitando o Eu a entrar em contato com aquela região, ganhar conhecimento dela e trabalhar nela, para assim ganhar experiência e despertar todas as potencialidades latentes que se transformam em poderes ativos. Estas roupagens (trajes) são distinguíveis umas das outras, tanto teórica como praticamente.

Um “plano” é meramente uma condição, um estágio, assim, podemos descrever o homem como disposto pela sua natureza, quando esta natureza está plenamente desenvolvida, para ter uma existência consciente em sete diferentes condições ou estágios, ou mais especificamente, em **sete** diferentes **planos de existência**.

Levando-se em consideração a vida mortal e imortal do homem, é conveniente reunir estes **sete princípios** em dois grupos – um contendo os três princípios superiores, a **Tríade**, e o outro contendo os quatro princípios inferiores, o **Quaternário**. A **Tríade** é a parte imortal da natureza humana e o **quaternário**, a parte mortal. Analisemos, um por um, os **sete princípios**:

1º Princípio – o Corpo físico denso – é também chamado o primeiro de seus sete princípios, uma vez que é o mais óbvio. Construído de moléculas materiais, no sentido geralmente aceito do termo, com seus cinco órgãos sensoriais (os cinco sentidos), seus órgãos de locomoção, seu cérebro e sistema nervoso, seu aparato para desempenhar as várias funções necessárias para a continuidade de sua existência.

A consciência puramente física é a consciência das células e das moléculas. A ação seletiva das células extraindo do sangue o que precisam e rejeitando o que não necessitam, é um exemplo de sua autoconsciência, uma vez que estes processos continuam sem a ajuda da vontade ou consciência. O que os fisiologistas chamam de memória inconsciente é o que aqui chamamos de memória da consciência física, que, na verdade, é inconsciente até que aprendamos a transferir a consciência cerebral para lá. O que sentimos não é o que as células sentem. A dor de um ferimento é sentida pela consciência cerebral, agindo no plano físico, mas a consciência da molécula e das células, as leva a reparar os tecidos danificados – ações de que o cérebro é inconsciente – e sua memória as faz repetir a mesma ação várias vezes, mesmo quando já é desnecessária.

O corpo se torna um torvelinho de vidas sem controle, sem regulação e sua forma, que resultava de sua correlação, é destruída pela exuberante energia de suas vidas individuais. A morte é só um aspecto da vida e a destruição de uma forma material é apenas um prelúdio para a construção de outra.

2º princípio – o Duplo Etérico – é formado da matéria mais rarefeita ou mais sutil do que a que é perceptível pelos cinco sentidos, mas ainda é matéria pertencendo ao plano físico, ao qual seu funcionamento é restrito. É o estado da matéria que está logo depois dos “sólido, líquido, gasoso”, que formam as porções densas do plano físico.

Este duplo etérico é a duplicata ou contra-parte exata do corpo físico denso ao qual pertence, e é separável dele, embora incapaz de ir muito longe. Em seres humanos normalmente saudáveis a separação é difícil, mas em pessoas que são “médiuns físicos” ou “materializadores” o duplo etérico desliza para fora sem qualquer esforço. Quando separado do corpo denso ele é visível para o clarividente como uma réplica exata, unida a ele por um fio delgado.

O duplo etérico, como o corpo denso, possui somente uma consciência difusa pertencente às suas partes, e não dispõe de nenhuma mentalidade. Tampouco serve como veículo de mentalidade, quando desvinculado de sua contraparte densa.

Os centros da sensação estão localizados no quarto princípio, que pode ser dito que forma como que uma ponte entre os órgãos físicos e as percepções mentais; impressões do universo físico agem sobre as moléculas materiais do corpo físico denso, colocando em vibração as células que constituem os órgãos de sensação, os sentidos.

Estas vibrações, por sua vez, colocam em movimento as moléculas materiais mais rarefeitas do duplo etérico nos órgãos sensoriais correspondentes, de sua matéria mais fina. Destes, as vibrações passam para o corpo astral, ou quarto princípio, onde estão os centros de sensação correspondentes.

A separação do duplo etérico do corpo denso geralmente é acompanhada de um considerável decréscimo na vitalidade do último, ficando o duplo mais vitalizado à medida que a energia no corpo denso diminui.

A morte significa para o duplo etérico exatamente o mesmo que para o corpo físico denso: a ruptura de suas partes constituintes, a dissipação de suas moléculas. O veículo da vitalidade, que anima o organismo corpóreo como um todo, escapa do corpo quando chega a hora da morte e é visto pelo clarividente como uma luz violeta, ou uma forma violeta, pairando sobre a pessoa moribunda, ainda ligado ao corpo físico pela fina linha. Quando esta fina linha se rompe, dizemos que a pessoa “morreu”. O duplo etérico, sendo de matéria física, permanece nas redondezas do cadáver; é o espectro, a aparição ou o fantasma, algumas vezes visto no momento da morte e logo após, por pessoas perto do local onde a morte ocorreu. Ele se desintegra lentamente, com sua contraparte densa, e seus restos são vistos por sensitivos em cemitérios e campos santos, como luzes violeta, pairando sobre as tumbas.

3º princípio – Prana, a Vida – todos os universos, todos os mundos, enfim, tudo o que existe, está mergulhado em um grande oceano de vida que é eterna, infinita, incapaz de aumento ou decréscimo. O universo é apenas vida em manifestação, vida feita objetiva, vida diferenciada.

Mas, cada organismo, seja minúsculo ou vasto como o universo, pode ser pensado como se apropriando de si mesmo um pouco de vida, como encarnando em si mesmo como sua própria vida algo desta vida universal.

Na Teosofia, esta vida capturada sob o nome de Prana, alento, é o terceiro princípio na constituição do homem, é o alento de vida (**Nefesh**); é o alento da vida animal no homem – o sopro da vida instintiva no animal. Desta vida, é veículo o duplo etérico agindo, por assim dizer, como meio de comunicação, como ponte entre **Nefesh** e o **corpo denso**.

Este terceiro princípio corresponde às “vidas invisíveis que constroem as células físicas”. Estas “vidas ígneas” são as controladoras e dirigentes dos micróbios que ajudam a “construir”, são, assim, os construtores imediatos suprindo estas vidas do que é necessário, agindo como a vida destas vidas; as “vidas ígneas”, a síntese, a essência do Prana/Nefesh são a “energia construtiva vital” que possibilita aos micróbios construir as células físicas. Só o fogo é UM, no plano da Realidade Única. No plano da manifestação, por isso ilusório, de existência, suas partículas são vidas ígneas que vivem e têm seu ser às expensas de cada outra vida que consomem. Por isso eles são chamados Os Devoradores. Toda coisa visível neste universo foi feita de tais vidas, desde o homem primordial consciente e divino, até os agentes inconscientes que constroem a matéria. Da Vida Única, informe e incriada procede o universo de vidas (A Doutrina Secreta, Volume I, pg. 269).

4º princípio – o Corpo Astral ou Corpo de Desejo – é considerado como a alma animal do homem/**Neshamah** e pertence, em constituição, ao segundo plano, o plano astral, nele atuando. Inclui todo o corpo de apetites, paixões, emoções e desejos, que se juntam, segundo a Psicologia ocidental, sob o nome de instintos, sensações, sentimentos e emoções e são considerados uma subdivisão da mente.

Todas as necessidades animais como a fome, a sede, o desejo sexual, reúnem-se aqui. Todas as paixões (amor, ódio, inveja, ciúme). Este princípio é o mais material de todos e é o único que nos prende pesadamente à vida terrena. Este princípio não é matéria constituída por moléculas, mas uma espécie de princípio médio, o verdadeiro centro animal, o que faz com que o corpo seja apenas

sua “concha”, isto é, o fator e o meio irresponsáveis através dos quais a besta em nós tem toda sua vida (Doutrina Secreta, volume I, pp.280 - 281).

Unido à parte inferior da mente, torna-se a inteligência cerebral humana normal. Considerado em si mesmo, este princípio constitui o bruto do ser humano, a força que mais provoca a ligação à terra e sufoca no ser todas as mais altas aspirações, pelas ilusões dos sentidos físicos. A matéria do plano astral – incluindo aquela chamada de essência elemental – é o material de que é composto o corpo de desejo, e são as propriedades peculiares desta matéria que a habilitam para servir como o invólucro no qual o Eu pode ganhar experiência de sensação.

Este quarto princípio, o corpo de desejo ou corpo astral, tem a forma de uma mera massa nevoenta durante os primeiros estágios de evolução e é incapaz de servir como um veículo independente de consciência. Durante o sono profundo, ele escapa do corpo físico, mas permanece perto dele, e a mente em seu interior está quase tão desperta quanto o corpo. Contudo, ele está sujeito a ser afetado por forças do plano astral, similares à sua constituição, o que dá origem a sonhos de um tipo sensorial.

Em um homem de desenvolvimento intelectual mediano o corpo de desejo já se tornou mais altamente organizado e quando separado do corpo físico, é visto assemelhando-se à sua forma e características, inconsciente de seu entorno no plano astral, mas encapsula a mente como uma concha, dentro da qual a mente pode funcionar ativamente, embora incapaz de usá-lo como veículo independente de consciência.

Já no homem altamente desenvolvido, o corpo de desejo se torna inteiramente organizado e vitalizado, um veículo de consciência no plano astral tanto quanto o corpo físico o é no plano físico.

Após a morte, a parte superior do homem permanece por um tempo no corpo de desejo, e a duração de sua estadia depende da grosseria ou delicadeza de seus constituintes. Quando o homem escapa dele, ele ainda persiste por algum tempo como uma “Concha” e quando a entidade defunta é de um tipo baixo, e durante a vida na terra possuía uma mentalidade restrita à natureza passional, alguns de seus restos se fundem com a concha.

Ela possui, neste caso, uma consciência de ordem muito inferior, tem astúcia bruta, não possui consciência – uma entidade deplorável, freqüentemente descrita como um “fantasma”. Paira a esmo, atraída a todos os lugares em que os desejos animais são encorajados e satisfeitos, e é colhida nas correntes daqueles cujas paixões animais são fortes e irrefreadas.

A persistência maior ou menor do corpo de desejo como uma concha ou fantasma depende do maior ou menor desenvolvimento da natureza animal ou passional da personalidade que se extinguiu (a pessoa que morreu). Se durante a vida terrena a natureza animal foi alimentada e permitiu-se-lhe que corresse livre, se as partes intelectual e espiritual do homem foram negligenciadas ou sufocadas, então, como as correntes foram dispostas fortemente na direção da paixão, o corpo de desejo persistirá por um longo período depois de o corpo da pessoa morrer.

5º Princípio – O Corpo Mental – este veículo da consciência humana compõe-se de quatro sub-planos inferiores do “Devachân”, aos quais pertence. Constitui o veículo especial da consciência nessa região do plano mental, mas também trabalha no corpo astral e através dele, no corpo físico, produzindo as manifestações da inteligência no estado normal de vigília. Quando se trata de um homem pouco evoluído este corpo não pode, durante a vida terrestre, funcionar separadamente como um veículo da consciência no seu próprio plano, e quando este homem exerce as suas faculdades mentais, é necessário que estas se revistam de matéria astral e física, para que ele adquira a consciência de sua atividade. O corpo mental é o veículo do Ego, do Pensador, para todo o seu trabalho de raciocínio mas, durante os primeiros tempos do Ego, a organização desse corpo

ainda é bastante imperfeita, o seu aspecto é fraco e indistinto como o corpo astral de um homem pouco evoluído.

A matéria de que se compõe o corpo mental é extremamente tênue e sutil, e pertence ao quinto plano do universo, contado de cima para baixo, ou ao terceiro, contado de baixo para cima. Nesta matéria o Ego manifesta-se como inteligência, e no que se lhe segue mais abaixo (o astral), manifesta-se como sensação. O corpo mental apresenta uma particularidade ao mostrar a sua parte exterior na aura humana; à medida que o homem, na série das suas encarnações vai se desenvolvendo progressivamente, o corpo mental cresce, aumenta em volume e em atividade.

A natureza do corpo mental é uma essência sutil, suas funções consistem em ser veículo imediato onde o Ego se manifesta como inteligência. Quanto ao seu desenvolvimento, o corpo mental progride vida após vida, proporcionalmente ao desenvolvimento intelectual e a sua organização também vai se tornando mais perfeita e definida, à medida que as qualidades e os atributos da inteligência se tornam mais conspícuos e distintos. Não constitui, como o corpo astral, uma cópia exata do homem quanto trabalha de acordo com os corpos astral e físico. Ao contrário, tem uma forma oval e penetra nos corpos físico e astral, envolvendo-os na sua atmosfera resplandecente, que tende sempre a aumentar com o progressivo desenvolvimento intelectual.

O corpo mental se desenvolve graças ao pensamento, que são os materiais de que o homem se serve para construir esse corpo. O corpo mental é construído diariamente, a cada dia, a cada ano da existência material pelo exercício das faculdades mentais, pelo desenvolvimento do poder artístico e das emoções elevadas. Para desenvolver conscientemente o corpo mental, é importante:

1. **Abandonar** (renúncia) os pensamentos e ações não saudáveis, fazendo o possível para afugentá-los o mais completamente possível;
2. **Intensificar** os pensamentos e as ações salutares, consagrando-lhe toda a atenção, alimentando-os, fortalecendo-os para que seu conteúdo se torne o mais valioso possível, a fim de o enviarmos para o mundo astral na qualidade de “agente benfazejo”;
3. **Adquirir** novos pensamentos e novas ações salutares;
4. **Gerar** novos pensamentos e novas ações salutares.

Estas ações terão a capacidade de fazer fluir à mente cada vez mais pensamentos puros, ao passo que os maus se absterão de aparecer. O corpo mental, repleto de pensamentos bons e úteis, atuará como um ímã sobre todos os pensamentos semelhantes que nos circundam. Quanto aos pensamentos maus, sentir-se-ão repelidos por uma ação automática da própria mente, tendo em vista a recusa obstinada em admiti-los. A característica do corpo mental será, portanto, atrair todos os pensamentos bons que erram na atmosfera e repelir todos os pensamentos perversos, submeter os bons a um processo de aperfeiçoamento, tornando-os mais ativos e assim o homem irá enriquecendo-se com o material mental acumulado deste modo. Outro modo de auxiliar o desenvolvimento do corpo mental é a prática da concentração. A concentração é a arte de fixar a mente num ponto e conservá-la aí firmemente, não lhe permitindo que erre ao acaso e sem destino.

6º Princípio – o Corpo Causal – é o segundo corpo mental e recebe este nome porque nele residem todas as causas cujos efeitos se manifestam nos planos inferiores. Este corpo é o aspecto “forma” do indivíduo, do verdadeiro homem. Constitui o receptáculo, o reservatório, onde todos os tesouros do homem se acham acumulados para a eternidade e vai se desenvolvendo na medida em que a natureza inferior lhe transmite coisas dignas de nele serem incorporadas. É no corpo causal que são assimilados todos os resultados duráveis da atividade humana, é nele que estão armazenados os germens de todas as qualidades, a fim de serem transmitidos à próxima encarnação.

O corpo causal é o aspecto “forma” do indivíduo. Antes de sua aparição, o *homem* não existe. Podem existir os tabernáculos físico e etérico já preparados para a sua vinda, as paixões, as

emoções, os apetites podem se acumular gradualmente a fim de formar a natureza *Kâmica* no corpo astral, porém o homem não existe enquanto não se tenha efetuado o desenvolvimento do ser através dos planos físico e astral, e enquanto a matéria do mundo mental não tenha principiado a evidenciar-se nos corpos inferiores evoluídos. Quando a matéria do plano mental principia a evoluir lentamente, graças ao poder do Ego que prepara a sua própria residência, produz-se um transbordar do grande oceano do *Atma-Buddhi*, que paira constantemente sobre a evolução do homem. Esta corrente ascende da matéria mental em evolução, une-se a ela, fecunda-a e gera o corpo causal do indivíduo.

As pessoas que conseguem ver nessas regiões elevadas, dizem que este aspecto “forma” do verdadeiro homem se assemelha a um véu muito tênue, de matéria infinitamente sutil, quase invisível, demarcando o ponto em que o indivíduo dá início a sua vida separada. Esse véu delicado e incolor de matéria sutil, é o corpo que perdura durante toda a evolução humana, o fio que sustém e liga entre elas todas as vidas humanas, o *Sûtrâtna* reencarnador, o “fio-ego”. Constitui o receptáculo de tudo quanto está de acordo com a Lei, de todos os atributos nobres e harmoniosos e, por conseguinte, duráveis. É nele que se nota o desenvolvimento do homem, o grau de evolução que atingiu. Cada pensamento nobre, cada emoção elevada e sublime ascende até ele, a fim de ser assimilada na sua substância.

Todos aqueles que tenham principiado a compreender ligeiramente a natureza e as funções do corpo causal, podem considerar o seu desenvolvimento como o principal objetivo da sua vida. Podemos nos esforçar por pensar desinteressadamente, e contribuir assim para o seu progresso e para a sua atividade. Esta evolução do indivíduo prossegue, invariavelmente, vida após vida, século após século, ativando seu desenvolvimento com os esforços conscientes. Trabalha-se em harmonia com a vontade divina e executa-se a obra de que se foi incumbido neste mundo. O mínimo pensamento bom, toda a ação boa entram no tecido desse corpo causal e nunca mais se perdem. Tudo quanto é bom permanece intacto porque esse é o homem verdadeiro, que vive eternamente.

Corpos Temporários - Quando o homem principia a deixar o corpo físico, pode fazer uso do corpo astral, mas enquanto funcionar neste veículo, não pode ultrapassar os limites do mundo astral. É-lhe contudo, possível servir-se do corpo mental (o *Manas* inferior) a fim de penetrar no mundo mental, e este veículo permitir-lhe-á, também, percorrer livremente os planos físico e astral. A esse corpo se dá o nome de *Mâyâvi Rûpa* ou corpo de ilusão que é, por assim dizer, o corpo mental transformado para servir de veículo à atividade separada do indivíduo. O homem arranja o corpo mental à sua imagem e semelhança e nesta forma temporária e artificial pode percorrer livremente os três planos e ultrapassar os limites a que o homem vulgar se acha preso.

Este é o corpo ao qual os teósofos se referem como o corpo que possibilita ao homem viajar, percorrer terras, penetrar no mundo mental, a fim de aí aprender novas verdades e adquirir novas experiências, voltando ao estado de vigília munido de todos os tesouros assim acumulados. Este corpo superior não está sujeito, no mundo astral, às decepções e ilusões contra as quais o corpo astral só dificilmente pode se defender. Como os sentidos astrais não foram educados, nos induzem muitas vezes, a erros. Este corpo mental, temporariamente formado, vê e ouve com rigorosa nitidez. Não há ilusões nem alucinações astrais que o consigam enganar.

Esse é o corpo preferido por aqueles que se habituam a essas peregrinações, Formam-no quando dele precisam, abandonam-no depois de se terem servido dele. Graças a ele, o estudante aprende muitas lições que de outro modo nunca chegaria a aprender, recebe ensinamentos de que ficaria privado se não fosse esse auxílio.

7º princípio – o Corpo Espiritual ou Aura – este é o corpo mais sublime de todos; é visível nos Iniciados e nele irradia o fogo átomico vivo. Este constitui a manifestação do homem no plano búdico. Segue-lhe o corpo causal, a sua manifestação no mundo mental superior, nos seus níveis

arúpicos (sem forma), onde o indivíduo reside. Em seguida vem o corpo mental, pertencente aos planos mentais inferiores e, depois sucessivamente, os corpos astral, etérico e denso, cada um formado da matéria de sua própria região e representando o homem tal como ele é em cada uma dessas regiões. Quando o discípulo contempla o ser humano, vê todos estes corpos que compõem o homem, apresentando-se separadamente em virtude dos seus diferentes graus de matéria e marcando, assim, o grau de desenvolvimento atingido pelo homem.

Numa alma desenvolvida, o corpo causal e o corpo espiritual são os mais desenvolvidos, apresentando-se resplandecentes de luz, munidos de cores delicadas e sublimes, cujos tons é impossível descrever, pois não se encontram no espectro solar. Em relação ao corpo espiritual, temos a dizer que a aura responde prontamente ao impulso do pensamento, portanto, se com um esforço de imaginação, representarmos a aura com a forma de uma concha, ela assumirá realmente, esta forma, evitando a irrupção de pensamentos vagabundos que circulam na atmosfera astral, evitando, portanto, também a influência nociva sobre a mente indefesa.

Vejamos quais são os limites da vida fora do mundo físico, no reino da Morte. O homem retira-se primeiro da parte mais densa do corpo físico. Esta decompõe-se gradualmente e é reintegrada no mundo físico, não restando absolutamente nada que possa servir para transmitir o elo magnético da recordação. Após este estágio, o homem acha-se revestido da parte etérica do seu corpo físico e, em breve, se desfaz deste invólucro etérico que, por sua vez, é reintegrado nos elementos a que pertence. Portanto, nenhuma recordação relacionada com o cérebro etérico o ajudará a transpor o abismo.

Continuando a sua peregrinação, a alma passa para o mundo astral, e aí permanece até se libertar do corpo astral, que tem a mesma sorte dos dois precedentes, isto é, o “cadáver astral” desagrega-se também e restitui seus materiais ao mundo astral, interrompendo tudo quanto podia servir de base aos elos magnéticos da recordação. Assim, o homem chega ao corpo mental e vai residir nos níveis *rupa* (com forma) do *Devacan*, onde permanece por muitos anos, elaborando faculdades, gozando do fruto de suas obras. Um belo dia, porém, tem que abandonar também esse corpo, substituindo-o pelo corpo causal, para onde transporta a essência de tudo quanto acumulou e assimilou. Deixa o corpo mental entregue ao processo de desagregação semelhante aos dos outros veículos mais densos, porque a matéria de que se compõe, embora seja sutil, não o é bastante para poder atingir os planos superiores. O homem novamente se desembaraça dele, deixando-o se incorporar gradualmente aos materiais da região que lhe é própria.

Durante a sua ascensão, o homem foi abandonando sucessivamente os seus corpos, e só quando chega a planos *arupa* (sem forma) do mundo *manásico*, é que se acha fora do alcance da Morte e de sua ação dissolvente. Ultrapassa, finalmente, os domínios da Morte e vai residir no corpo causal, sobre o qual ela (a morte) não pode exercer o seu poder e aí armazena todos os tesouros que acumulou. Por isso este corpo é chamado de causal, porque nele residem todas as causas que afetam as encarnações futuras. O gérmen arremessado do corpo causal só se pode desenvolver segundo a sua espécie. Atrai o gérmen da matéria que lhe corresponde e o dispõe na sua forma característica, reproduzindo assim, fielmente, as qualidades adquiridas pelo homem no passado. Quando penetra no mundo astral, arremessa os germens que pertencem a esse mundo e os germens, por sua vez, atraem todos os materiais astrais e as essências elementais suscetíveis de servir aos seus fins.

Portanto, assim que o homem entra novamente no plano astral, tornam a aparecer os desejos, as emoções e as paixões que pertencem ao seu corpo de desejo ou corpo astral. Para que a consciência de vidas passadas possa subsistir e transmitir, através de todas essas transformações e de todos esses mundos diferentes, é preciso que desenvolva uma grande atividade neste plano elevado das causas, o plano do corpo causal. Não recordamos das vidas passadas porque somos incapazes de utilizar, conscientemente, o corpo causal como veículo da consciência. Esse corpo ainda não desenvolveu nele uma atividade funcional independente. É nesse corpo que, sem dúvida, reside o verdadeiro

“eu”, de onde tudo emana, porém ainda não funciona ativamente, sendo sua atividade inconsciente e maquinal, até que atinja uma “consciência própria”. Até lá, a memória não poderá transpor, sucessivamente, todos os planos e, por conseqüência, não poderá também transpor o abismo que separa duas vidas.

A medida em que se avança na senda espiritual, se vai tendo vislumbres de consciência que iluminam, cada vez mais, certos fragmentos do passado. Deve-se trabalhar para transformar essa luz fugidia numa luz contínua, a fim de produzir recordações sucessivas. Seja qual for o plano em que funciona, o homem é sempre um e o mesmo homem, e quando consegue funcionar nos cinco planos, sem ruptura de consciência, o seu triunfo é completo. A estes poucos que conseguem tamanha façanha, chamamos de “Mestres”, os “Homens tornados Perfeitos”, que funcionam na sua consciência no estado de vigília, não só nos três planos inferiores, como também no quarto plano, alcançando a “unificação da consciência”, estado no qual os veículos se conservarão à sua disposição para que possam deles se servir, sem lhes tolher os movimentos, e para isso podendo empregar qualquer dos seus corpos, segundo a natureza do trabalho que tencione realizar.

Individualidade X Individualismo

De acordo com as definições encontradas nos dicionários, podemos dizer que **Individualidade** é o que constitui o indivíduo: caráter especial, particularidade ou originalidade que distingue uma pessoa. **Individualismo**, então, é o sentimento, a conduta. Também há uma Doutrina que considera o indivíduo como a realidade mais essencial.

Há muitos que, perdidos de si mesmos, praticam por um bom tempo de suas vidas, o **Individualismo**, onde só a própria pessoa e o próprio bem-estar importam. Porém, há aqueles que, em algum momento de suas vidas, sentem a inquietação da busca por Deus. Através do estudo, dos exercícios, das práticas espirituais e de algumas provas e experiências vividas, principalmente após algumas mudanças internas e psíquicas provenientes dessas vivências, passam a praticar a *individualidade*, portando-se como uma pequena “centelha divina”. Adquirem a compreensão de que são partes de uma realidade maior, mais complexa e perfeita e conseguem se perceber como **Individualidade**, como parte de Deus e, nesta condição, percebem o seu dever de trabalhar pelo bem estar dos que estão ao seu redor e a necessidade de transmutar o próprio temperamento, o orgulho e a auto-suficiência em doçura, humildade e na constatação de que não são, afinal, o máximo mas sim, criaturas frágeis, fracas, num corpo denso, sujeito a doenças, dores, provações e em tudo dependentes da Misericórdia Divina.

Bem o sabe quem já esteve preso ao leito, por causa de alguma enfermidade. Essa é uma experiência de grande aprendizado: num instante se é forte, cheio de vida, dono da situação e no outro, frágil, debilitado, totalmente dependente e indefeso. Quem passou por uma experiência assim aprende a não ficar tão tenso por ter que “matar um leão por dia”, aprende a não ceder às chantagens emocionais de outras pessoas, aprende a tirar lições dos mínimos acontecimentos, aprende, enfim, a viver! Passa a não ter tantas expectativas (sejam boas ou ruins), traça objetivos exequíveis e alcançáveis, vive cada momento de forma intensa, e de cada vez sentindo-se parte de um Todo, ao invés de se sentir o Todo.

O Decálogo (Êxodo, capítulo 20)

O **Livro do Êxodo** ou **Êxodo** é o segundo livro da Bíblia. Faz parte do Pentateuco, os cinco primeiros livros bíblicos, cuja autoria é, tradicionalmente, atribuída a **Moisés**. Esse livro do Antigo Testamento possui 40 capítulos, que contam a história da saída do povo de Israel do Egito, onde viveram como escravos durante 400 anos, e sua posterior aliança com Deus. O Deus de Abraão, Isaac e Jacó tomou a iniciativa de fazer uma aliança com Seus descendentes, que migraram para o

Egito, onde foram escravizados. Depois, cumpriu plenamente essa aliança através de Seu próprio Filho, Jesus de Nazaré.



O primeiro ato da aliança de Deus, foi libertar Seu povo aliado da “casa da escravidão”, através de prodígios, que ficaram gravados no imaginário popular, como as “dez pragas do Egito”. A expressão maior da Aliança está no Decálogo, as Dez Palavras, que foram solenemente promulgadas no Monte Sinai, de acordo com o capítulo 20 do Livro do Êxodo. O Monte Sinai foi o centro geográfico e ponto culminante desta Aliança. Depois de três meses da libertação do povo, estando acampados ao pé do Monte Sinai, Moisés é convidado a escalar o monte para receber as instruções de Deus que manifesta, explicitamente, a intenção de “eleger” aquele povo como Seu povo, e detalha o rigoroso ritual de preparação durante três dias, para a grande solenidade.

Na hora marcada, um grande terremoto sacode o Monte Sinai e uma nuvem escura o cobre e a voz de Deus fala, através de Moisés: *“EU SOU YHWH, TEU DEUS, QUE TE FIZ SAIR DO EGITO, DA CASA DA ESCRAVIDÃO.”* *EU SOU YHWH* é o nome próprio do Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

Eis o que diz o capítulo 20 do **Livro do Êxodo**:

“1 Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:

2 eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

3 Não terás outros deuses diante de mim.

4 Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

5 Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que em odeiam.

6 E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.

7 Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

8 Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

9 Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

10 Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro de tuas portas.

11 Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou.

12 Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá.

13 Não matarás.

14 Não adulterarás.

15 Não furtarás.

16 Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

17 Não cobiçaras a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.
18 E todo o povo viu os trovões e o relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte fumegando; e o povo, vendo isso retirou-se e pôs-se de longe.
19 E disseram a Moisés: Fala tu conosco e ouviremos: não fale Deus conosco, para que não morramos.
20 E disse Moisés ao povo: Não temais, Deus veio para nos provar, e para que o seu temor esteja diante de vós, afim de que não pequeis.
21 E o povo estava em pé de longe. Moisés, porém, se chegou à escuridão, onde Deus estava.
22 Então disse o SENHOR a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: Vós tendes visto que, dos céus, eu falei convosco.
23 Não fareis outros deuses comigo; deuses de prata ou deuses de ouro não fareis para vós.
24 Um altar de terra me farás, e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos, e as tuas ofertas pacíficas, as tuas ovelhas e as tuas vacas; em todo o lugar, onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei.
25 E se me fizeres um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; se sobre ele levantares o teu buril, profaná-lo-ás.
26 Também não subirás ao meu altar por degraus, para que a tua nudez não seja descoberta diante deles.”

Foi por este misto de terror e de mistério que Moisés impôs sua lei e seu culto ao povo. Era preciso imprimir a idéia de YHVH em letras de fogo em sua alma e, sem aquelas medidas implacáveis, o monoteísmo jamais teria triunfado sobre o avassalador politeísmo da Fenícia e da Babilônia. Moisés transmitiu para os setenta anciãos que guardavam a Arca, o fogo divino e a energia de sua própria vontade. Eles foram o primeiro templo, antes do de Salomão: o templo vivo, em marcha, o coração de Israel, a luz real de Deus.

Pelas cenas do Monte Sinai, pela execução em massa dos rebeldes, Moisés ganhou autoridade sobre os semitas nômades, que agora continha com mão de ferro. Como Maomé, Moisés teve que ostentar, ao mesmo tempo, o gênio de um profeta, de um homem de guerra e de um organizador social. Lutou contra as lassitudes, as calúnias, as conspirações, e teve momentos de indignação e de piedade, ternuras de pai e rugidos de leão contra o povo que se debatia sob a pressão de seu espírito, e que, apesar de tudo, suportou-o.

Todos os poderosos conheceram a solidão, mas Moisés foi o mais solitário, porque seu princípio foi mais absoluto e mais transcendental. Seu Deus foi o princípio masculino por excelência e para impô-lo aos homens, precisou declarar guerra ao princípio feminino, à deusa Natureza, à Eva, à mulher eterna que vive na alma da Terra e no coração do Homem. Teve que combatê-la sem trégua e sem misericórdia, para submetê-la e dominá-la. Possuído por estes pensamentos, enquanto subia o Monte Nebo, perguntou-se se sua obra viveria e, à medida que seu espírito se desligava da terra, ele viu a terrível realidade do futuro: as traições de Israel, a anarquia imperando, a realeza sucedendo aos Juízes, os crimes dos reis conspurcando o templo do Senhor, seu livro mutilado, incompreendido, seu pensamento deturpado, as apostasias dos reis, o adultério de Judá com as nações idólatras, a pura tradição e a doutrina sagrada sufocadas e os profetas, possuidores do verbo vivo, perseguidos até o fundo do deserto. Vendo tudo isto diante de si, com apenas um sopro de vida, irritado contra seu povo, conclamou a vingança de Eloim sobre a raça de Judá e proferiu estas palavras: *“Israel traiu seu Deus. Que ele seja disperso aos quatro ventos do céu!”*

Os que o assistiam, os levitas e Josué, o olharam com terror e ele ainda disse-lhes: *“Voltai para Israel. Quando os tempos chegarem, o Eterno vos fará aparecer um profeta como eu, entre vossos irmãos, e colocará o verbo em sua boca, e esse profeta vos revelará tudo o que o Eterno lhe tiver ordenado. E o Eterno pedirá contas a quem não escutar as palavras que ele tiver dito.”* Em seguida, entregou sua alma a Deus.



Os Dez Mandamentos e os Dons do Espírito Santo

As dez Leis Divinas mais conhecidas são os *Dez Mandamentos da Lei de Deus*. Mas há também dez Leis Divinas ocultas que são as *Dez Virtudes* que o Iniciado deve adotar em sua vida diária.

A Alquimia Interior é um processo de transformação interior (espiritual, portanto), pelo qual o Iniciado deverá passar para alcançar os mesmos resultados e conclusões que seus antigos iniciadores obtiveram.

A Alquimia material e a Alquimia espiritual baseiam-se mais numa teoria de proporções e de relações do que numa análise verdadeiramente físico-química ou filosófica dos elementos que são postos em relação uns com os outros. A linguagem e a lógica são, para a Alquimia, de natureza simbólica.

A ciência hermética só é real para aqueles que admitem e compreendem a filosofia e a religião e seus procedimentos só terão êxito entre os que tenham atingido a vontade, soberana, através do trabalho incansável e perseverante em seu próprio interior, transmutando-se a si próprios, passando pelas etapas da Grande Obra, e obtendo, ao fim, a conquista de si mesmo: o **autoconhecimento**.

O trabalho de elaborar as Virtudes, abandonando os vícios e “cascões” da existência anterior, colocando a vontade inteligente a serviço da assimilação da Luz, opera-se pela busca dos **Dons do Espírito Santo**, que são nove: Temor, Piedade, Força, Conselho, Ciência, Inteligência, Sabedoria, Integridade e Graça e que podem ser alcançados pela prática das quatro virtudes cardeais, das três teologais e das duas sublimes. Vejamos um resumo, no quadro abaixo:

Virtude	Dom do Espírito Santo
Prudência	Conselho
Temperança	Temor
Justiça	Piedade
Força	Força
Caridade	Sabedoria
Esperança	Ciência
Fé	Inteligência
Inteligência	Integridade
Sabedoria	Graça

A virtude da **Prudência** corresponde ao Silêncio, elemento **Terra**. Esse silêncio conduz ao conhecimento de Deus e é o primeiro caminho para atingir a **Prudência**, que proporciona à memória (lembança do passado), uma visão cristalina dos princípios de ação gerais ou particulares, a reverência das coisas estabelecidas pelos sábios que nos precederam, sagacidade para perceber o que é impossível perguntar subitamente aos outros, o sadio exercício da razão (aplicada a cada ato), uma determinação no momento da ação, quanto à substância deste ato, a circunspeção em relação a todos os aspectos de tal ato e a precaução contra os obstáculos que possam comprometer o

resultado dessas ações. Praticando a **Prudência**, o Iniciado evita as armadilhas que a razão humana coloca em seu caminho, pois esta vive sujeita a erros e surpresas, na grande complexidade das circunstâncias que podem interessar sua ação, seja por ela mesma ou por outrem, mesmo sendo provida das virtudes adquiridas desde o nascimento, e adquire o **Dom do Conselho**, que aperfeiçoa sua razão prática, tornando-o dócil para receber o Espírito Santo.

Geralmente, aquele que se dedica ao estudo e às práticas espirituais e que passa por dores e provas, adquire e passa a praticar a virtude da **Prudência**, que antes era algo que não existia em sua vida, sendo-lhe até mesmo completamente desconhecida, principalmente para quem era orgulhoso e arrogante. O aprendizado sobre as leis divinas, que regem a vida na Terra, transforma o ser em alguém muito diferente do que era. Torna-o melhor, e finalmente, “desperto”.

A **Temperança** é uma virtude que equivale ao elemento **Água** e visa evitar o mal proveniente dos Homens, o mal que se pode fazer ao próximo e proporciona a companhia permanente do *Mestre da Assembléia Celeste*. Atinge-se essa virtude evitando misturar-se materialmente a outros, à turba profana, a preocupações fúteis e evitando interiormente o contato com seres e coisas deste mundo. A **Temperança** proporciona:

- a *continência*, que é o ato de escolher não seguir os movimentos violentos da paixão;
- a *clemência*, que consiste em moderar ou regradar, segundo a virtude da Caridade, um modo de corrigir o mal cometido por outros, que a Justiça exige seja reparado e expiado;
- a *mansidão*, que é a ausência do movimento interior da paixão;
- a *modéstia*, que é o ato de refrear, moderar ou regradar a parte afetiva das coisas menos difíceis que as precedentes e,
- o *não desejo de conhecer* o que não nos é imediatamente útil ou que é completamente inútil para nossos objetivos, as ações e os movimentos exteriores do corpo carnal e, enfim, a ordem exterior que nada mais é que o **Dom do Temor**.

A **Temperança** mantém a parte afetiva do homem sensível ao comando da razão, para que ela não seja influenciada pelos prazeres que interessam aos cinco sentidos exteriores, e o conduz ao **Dom do Temor**. Este dom consiste em se ter presente, mediante a *Revelação Tradicional*, uma imagem mais ou menos exata de Deus, com um santo respeito, levando-se em consideração a excelência e a *Majestade Divina*, da qual teme afastar-se, por causa dos erros e faltas.

Quem pratica a **Temperança** procura sempre, diante dos imprevistos, conter-se, recolher-se (causar um *tsimtsoum*) antes de tomar decisões. Fica-se em paz consigo próprio e com os outros, e se é capaz de perceber o que “há por trás das aparências”, não se deixando envolver pelo calor do momento.

A virtude da **Justiça** equivale à Fome, ao elemento **Ar**, corresponde ao Príncipe. Essa Fome deve ser entendida como *modéstia, espírito de pobreza, docilidade, calma e pureza*. Essa virtude objetiva o reino da harmonia das relações entre os seres, baseada no respeito dos Seres entre si, e daquilo que constitui, em diversos graus, seus bens morais ou físicos, espirituais ou materiais. Pela prática da virtude da **Justiça** regulam-se os deveres em relação aos outros seres, fazendo reinar a paz e a ordem, na vida individual e na vida coletiva, aplicando-se tanto aos bens corporais, quanto à dignidade espiritual e reputação do próximo. Por sua prática, adquire-se o **Dom da Piedade**, que possibilita receber a ação direta e pessoal do Espírito Santo, colocando o selo mais perfeito nas relações exteriores que se pode ou se deve ter com os semelhantes ou com Deus.

Felizmente, há aquele que, mesmo possuído por um temperamento colérico e pelo orgulho, é justo em relação ao seu semelhante. Pode ocorrer que alguém assim aperfeiçoe essa virtude, quando ela é plantada em seu coração, desde cedo em sua vida.

A Virtude da **Força** tem por fim a perfeição moral da parte afetiva sensível no Homem. É a luta contra os maiores temores e a moderação dos movimentos audaciosos mais atrevidos para que o Homem, nessas ocasiões, não se desvie jamais de seu dever. Percebemos a manifestação da **Força** pela manifestação dos seguintes atributos:

- *magnanimidade*, que fortalece a esperança, no sentido das obras grandes e belas, que se deseja concluir;
- *magnificência*, que é uma disposição da parte afetiva que fortalece ou rege a esperança em relação ao que é árduo e custoso de concluir;
- *paciência*, apropriada para suportar com estoicismo, em vista da Reintegração final, todas as tristezas que vierem na vida presente e também suportar, mais particularmente, a intervenção hostil dos outros homens em suas relações conosco, ou ocasionalmente, aquelas do Espírito do Mal;
- *perseverança*, que é o combate do medo da duração de um esforço em direção ao Bem, ou seu fracasso.

A virtude da **Força** objetiva a perfeição moral da parte afetiva sensível no Homem e o **Dom da Força ou Coragem** permite que ele supere a dor que acompanha a separação própria da morte, de todos os bens e alegrias da vida.

Pode ocorrer de alguém possuir essa virtude, porém, mal orientada ou mal direcionada. Quem se enquadra nessa condição, deve esforçar-se para não dissipar as próprias energias e deve concentrar as forças de que dispõe num objetivo específico. Quando há muita dissipação de energia, o conhecimento faz a diferença. Deixar de ignorar como funcionam as leis da natureza ajuda muito na auto correção, na transmutação interior, na melhora e no progresso pessoais.

A **Caridade** é a virtude que nos eleva a uma vida de comunicações, primeiramente com as *Potências Celestes* intermediárias e, depois, com o *Plano Divino*, caso sejamos dignos de tal comunicação, obviamente. Essas realizações místicas ocorrem quando, na Alma do Iniciado, está presente a Caridade absoluta, que decorre de um ato de amor total, pelo qual ele deseja de Deus esse bem infinito, que a **Fé** lhe revelou, para si e para os outros Homens. Bem esse inseparável de Deus. A **Caridade** traz em si a *Misericórdia*, que faz com que nos compadeçamos da miséria alheia e a sintamos, bem como aos sofrimentos e padecimentos de terceiros, como se fossem nossos, a ponto de sofrê-los real e intimamente. E a *Beneficência*, que nos coloca em condições de impedir o mal e facilitar o Bem, tanto no domínio espiritual como material. Pela prática da **Caridade**, adquirimos o **Dom da Sabedoria** que ilumina o julgamento, à Luz do Espírito Santo, baseado na mais alta e sublime de todas as Causas, que é a própria Sabedoria Divina.

Muitos desconhecem a prática dessa Virtude. Há aquele que só conhece a Caridade no sentido material. A Caridade espiritual, aquela de doar um pouco do tempo, ouvindo outras pessoas, confortando-as, orientando-as, deve ser incorporada à vida diária. Não é preciso ter medo de se doar aos outros e de participar de suas vidas, por receio de estar se intrometendo onde não foi chamado, pensando que se está invadindo a privacidade alheia. Sempre que se souber de alguém doente ou que necessitado de um aconselhamento, não ter dúvidas e ir em seu auxílio. Criar, através desse simples ato, a oportunidade de ter experiências enriquecedoras e perceber o nada que o homem é, pois ele é literalmente, “*um sopro*”. A Caridade, sem dúvida, torna o homem mais humilde.

A Virtude da **Esperança** nos conduz às Verdades Eternas, apoiada sobre a ação divina. Através dela, adquirimos o **Dom da Ciência** que nos permite julgar com uma absoluta certeza e uma verdade infalível (usando instintivamente e de forma absolutamente intuitiva o procedimento da razão), o caráter real das coisas criadas em suas relações com aquelas da **Esperança**, segundo devam elas ser admitidas e professadas ou devam servir de objetivo à conduta, sabendo, de forma imediata, o que, no Mundo material, está em harmonia com as Verdades Eternas ou, ao contrário,

em oposição a elas. Pode-se dizer que por esse Dom perde-se o fascínio pelas coisas criadas e por aquelas que despertam a vaidade.

Não se deve nunca desistir diante das adversidades da vida. Há, no ser humano, uma grande força que é capaz de conduzi-lo sempre para frente, mesmo diante das vicissitudes! Quem tem a **Esperança** chega aonde quer chegar, supera obstáculos e provas que surgem no caminho. É por ter **Esperança** que o homem é capaz de mudar e de se tornar alguém melhor e mais afável, inclusive, para ele mesmo!

A Virtude da **Fé** une a inteligência, firmemente e sem medo, a tudo o que lhe chega pelo Canal da *Revelação Tradicional*, notadamente sobre Deus e sobre a sua vontade de comunicar ao homem a Reintegração. Pela prática dessa virtude, adquire-se o **Dom da Inteligência** que ajuda a **Fé** no conhecimento da verdade divina, permitindo, ao Espírito do Homem, penetrar no sentido dos termos que comportam as afirmações da revelação tradicional e seus postulados.

Ah! Que coisa tão subjetiva, tão pessoal e tão magnífica é a **Fé**! Ela, que é capaz de “remover montanhas”! Devemos acreditar numa Verdade Maior, em Deus, no G.A.D.U! Na Ciência! No Homem! No conhecimento dessas Verdades Eternas! Quem conhece essas revelações torna-se humilde, dócil e compreensivo! Um servo de Deus!

A Virtude da **Inteligência** é a **Prata dos Sábios**, é o atributo correspondente à visão, à intuição, à penetração e à informação, podendo-se dizer que essa é a virtude do conhecimento (gnose) das *Coisas Divinas Absolutas*, a *Ciência do Bem e do Mal*. A **Inteligência** conduz ao discernimento dos Espíritos e à percepção do sentido oculto das palavras, do esoterismo dos textos, sua significação e o sentido profundo das escrituras cristãs e, por sua prática, o homem alcança o **Dom da Integridade**, que aperfeiçoa a natureza humana, dando conhecimento das verdades que importam ao homem conhecer.

Há o Buscador que, quando finalmente, encontra uma Sociedade Iniciática e Tradicional, e tem acesso a verdades e leis que lhe eram completamente desconhecidas, ingressa num mundo e numa vida completamente novos e inéditos! Aí adquire a consciência de que não será nesta vida que desenvolverá a Virtude da **Inteligência** em plenitude, pois vê o nada que é e o nada que caminhou nesse sentido, e que não é merecedor. Às vezes, o medo o paralisa, pois sabe que certos conhecimentos e ensinamentos só são acessíveis se tiver a coragem de romper certas barreiras, o que não ocorrerá, pois falta-lhe coragem e vê que não é suficientemente puro para isso.

A **Sabedoria** é o **Ouro dos Sábios**. Essa virtude pressupõe a Inteligência, operando nesta por eliminação; podemos dizer que ela é a submissão espontânea, inteligente e compreensiva a um bem percebido como dominante, ou seja, é uma discriminação entre o *Bem e o Mal*. Pela prática da Virtude da **Sabedoria** o homem julga todas as coisas segundo a mais alta das causas, chegando ao mais alto grau de conhecimento acessível ao ser humano neste mundo, e adquire o **Dom da Graça**, que o une a Deus, tornando-o “*Igreja viva*”, “*Templo do Espírito Santo*”, que é a vida da alma em plenitude, acessível a muito poucos, pois poucos são capazes de renunciar a si mesmos e de se entregar a Deus, completa e totalmente, no mais amplo sentido que estas palavras possam ter. Ao permitir que a vontade e a imaginação divina, do *deus interior* que todos levam se manifeste, pode-se vivenciar a manifestação da própria divindade, e tornar-se um veículo do fogo espiritual e pode-se transmitir a própria luz espiritual aos que a ela se fizerem dóceis, sendo conduzidos a uma vida mística plena.

É preciso deixar que ocorra, no íntimo, uma mudança, no sentido de permitir que o *Cristo Interior* se manifeste e se faça compreender. Deve-se dar os primeiros passos e procurar essa comunicação pessoal e interior.

A décima *Lei Divina Oculta* é o Dom do **Temor a Deus**. Uma simples frase: “Cristo, dá-me Prudência e **Temor a Deus**” leva a perceber que esse é um trabalho para toda uma vida, no sentido de vida eterna. Ainda que na atual encarnação, se comece a dar os primeiros passos nessa direção, há muito a se fazer, a aprender, a realizar, a aperfeiçoar e a adquirir, para incorporar essa Lei Divina à vida interior. *Tomás de Kempis* disse que se quisermos progredir devemos nos conservar no Temor de Deus, sem buscar muita liberdade que devemos, antes, refrear todos os sentidos com a disciplina, pois não há verdadeira liberdade nem perfeita alegria sem o Temor a Deus. Disciplina é algo que se adquire ao longo de anos de estudo e de práticas espirituais.

Devemos sentir o *Amor a Deus*, sentir na alma o reconhecimento de Deus como ser Único e Onipotente. Sentindo o *Temor* ante Sua Grandiosidade, pode-se vislumbrar o esplendor de Sua Glória. Devemos ter o desejo de agradar a Deus em todos os atos, porque sabemos que somos um templo e obra da Grandeza do Criador. Precisamos desenvolver a obediência ao Onipotente, no cumprimento de Suas Leis ou mandamentos individuais, o que nos tornará verdadeiros filhos de Deus.

Madame Guyon dizia que era praticamente impossível alcançar a perfeita mortificação dos sentidos e das paixões, porque a alma dá vigor e energia aos sentidos e estes surgem e estimulam as paixões. Um corpo morto não tem sensações porque a conexão com a alma está dissolvida. Seus poderes tornam-se difusos e dispersos, pois sendo sua atenção imediatamente direcionada a austeridade e a outras coisas externas, ela dá vigor a esses mesmos sentidos que deseja subjugar. Segundo seu ponto de vista, os sentidos não têm outra origem, de onde deriva seu vigor, do que a aplicação da alma a eles; o grau de sua vida e atividade é proporcional ao grau de atenção que a alma presta a eles. Essa vida dos sentidos se agita e provoca paixões, ao invés de suprimi-las ou subjugar-las; a austeridade pode, de fato, enfraquecer o corpo, mas não pode tirar a vitalidade e nem a atividade dos sentidos.

Para ela, o único método para apaziguar os sentidos é o recolhimento interior, através do qual a alma se volta totalmente, e por inteiro, para possuir um Deus presente. Se direcionar todo o seu vigor e energia a isso, esse ato simples a separa dos sentidos e, empregando todos os seus poderes internamente, faz com que eles enfraqueçam. Assim, quanto mais a alma está perto de Deus, mais separada ela estará do EU. A força da alma reside nas suas faculdades, paixões e apetites, governados pela vontade. Quando a vontade se dirige a Deus, nos afastando de tudo o que não é Ele, guarda a fortaleza para o Senhor, amando-O com todas as forças.

Para chegar à união com Deus deve-se purificar a vontade dos afetos e apetites, transformando essa vontade grosseira e humana em vontade divina, identificada com Deus. As paixões, quando desordenadas, produzem na alma todos os vícios e imperfeições e, quando ordenadas e bem dirigidas, geram todas as virtudes. À medida que uma delas se submete à razão, todas as outras o fazem, dada à interligação entre elas. Reprimir uma é enfraquecer as outras.

A tarefa humana é muito humilde: é reconhecer a própria pobreza e assumi-la, através da fidelidade de um compromisso com as práticas, orações, ritualísticas. É uma tarefa muito humilde, mas é uma tarefa que leva a penetrar no amor infinito de Deus. Segundo Jesus, “*o reino do céu está dentro de vós*”. E o reino, de acordo com o ensinamento de Jesus, é uma experiência do poder de Deus e da energia básica do universo, que descobrimos no mundo interior, no silêncio e na quietude, produzindo uma força que traz uma grande paz que supera todo o entendimento.

O ser que passa por essa experiência maravilhosa não tem palavras para descrever as mudanças que se operam em seu interior! É, ao mesmo tempo, ele mesmo e outra pessoa, que não ele mesmo. Aquela pessoa do passado fica completamente transformada, pelo progresso espiritual e pelo aprendizado! Adquire, finalmente, paz consigo mesma e com Deus, com os outros e com a vida!

Conclui-se esta questão, citando o que o Mestre Éliphas Levi escreveu sobre esse assunto em seu livro *Curso de Filosofia Oculta*: “Dai-nos, Senhor, a Inteligência e a Sabedoria: Chochmach e Binah; a Força e a Piedade: Geburah e Gedulah; o Temor a Deus e o Conselho que nos torna vencedores: Hod e Netsah. Dai-nos enfim, a Ciência de Kether, de Tiferet e de Jesod. Eis os sete dons do Espírito Santo, transfiguração gloriosa das sete virtudes cristãs e revelação suprema da sublime teologia da Cabala!”

A Presença Divina ou Shekinah na alma do homem

A palavra hebraica para habitação ou presença de Deus é “*Sh’cheenah*” ou, como pronunciamos: *Shekinah*. Este termo era muitas vezes usado na palavra Deus. Na mente judaica, vinha do fato de que Ele “habitou” ou “descansou” entre o seu povo, seja um indivíduo, uma tribo, ou todo o povo judeu. Estudiosos sempre viram uma conexão notável entre o conceito de Shekinah e a idéia do “Logos”, “A Palavra”, que Philo introduziu no pensamento filosófico judeu.

De acordo com a tradição judia o esplendor da Shekinah, com suas bênçãos incontáveis, “restos” se manifestam naqueles que são piedosos e íntegros. De acordo com os antigos Rabinos, a Shekinah aparece no meio de pelo menos um “*minyán*” de adoradores, quando eles oram na congregação, e de dois ou mais judeus quando eles se ocupam no estudo da Torah, ou num homem quando ele recita o *Shema*. Também é dito que a Divina Shekinah habita no puro, no benevolente e no hospitaleiro, e no marido e na esposa quando eles vivem em paz e harmonia. Os antigos Rabinos também disseram que a Shekinah apareceu antes de Moisés na sarça ardente, repousando no Tabernáculo no Deserto no dia da sua dedicação, e no Santo dos Santos no Templo em Jerusalém e iluminará a felicidade dos justos no mundo por vir. Os escritos do Talmud concebiam a Shekinah como uma essência espiritual de beleza indescritível e de grande esplendor. Geralmente, era descrita como uma luz brilhante ou um esplendor e quando se aproximava, era anunciada por um tilintar como um sino etéreo. É dito que “onde quer que o povo judeu vá, a Shekinah o segue.”

A regra geral do despertar espiritual implica um lento processo em que as frustrações resultantes do atrito entre as expectativas e as realidades da vida vão amadurecendo o homem gradativamente, sendo um processo que dura o tempo de muitas vidas e deve ser retomado a cada reencarnação, até que a alma assuma um compromisso irreversível com a vida espiritual. A partir de então, se estabelece uma tendência de anseio espiritual capaz de fazer com que, em outras vidas, o caminho seja retomado mais cedo e em circunstâncias mais favoráveis. Chega um determinado momento na vida de todo homem que, não importa quais sejam as condições externas, uma divina insatisfação toma conta do coração. Ele sente um vazio, uma nostalgia, um vácuo, uma *incompletude*, um espaço que precisa ser preenchido.

A abertura para a felicidade real e permanente, a união com a alma, com a divina Shekinah, desponta com a busca do saber. O conhecimento humano começa com uma busca intelectual, mas as informações precisam ser interiorizadas para que se transformem em conhecimento. Se a sabedoria suprema traz a felicidade o seu oposto, a ignorância, é a raiz do sofrimento. O caminho da libertação é o caminho da progressiva iluminação da mente, com a superação da ignorância e de seu aliado, o egoísmo. É o conhecimento de si mesmo que abre gradualmente as portas para o buscador determinado e corajoso. Determinado, porque tudo parece conspirar no sentido de desviá-lo da sua busca. E corajoso porque tem que enfrentar seu lado *sombra*. Quando se encontra com sua alma e começa a travar diálogos com ela, percebe-se que o homem é o único responsável pela própria vida. Ninguém mais. Só nós podemos vivê-la e não podemos viver a vida pelos pais, pelos filhos ou pelos companheiros. Cada um tem a vida que escolheu para viver e precisa compreender a responsabilidade que resulta desta escolha.

Esse despertar para a realidade da vida é o primeiro passo na longa jornada da alma, às vezes, desconhecido e sem direção, marcado apenas pela determinação de sair do marasmo aprisionador e

paralisante em que se encontrava antes. Quando se está em condições de perceber esse “chamado”, ele é *ouvido* no coração e não mais se consegue esquecer-lo ou ignorá-lo. Pode-se negligenciá-lo por anos, ou até mesmo por vidas, mas quando a alma desperta para a vida espiritual, só descansará ao voltar à sua origem, ainda que isso possa levar muitas vidas de luta com as paixões mundanas. O Pai, por intermédio de seus auxiliares nos mundos espiritual e material, coloca no caminho do homem todas as oportunidades para que ele empreenda essa busca e para que alcance seu termo.

Ocorre que, mesmo o Buscador que se aplica com afinco aos estudos e práticas espirituais, muitas vezes não entende o real significado do que é o “Cristo Interior”, a “Divina Shekinah”, a “Centelha Divina”, a “Luz”, até que vivencie a experiência do “diálogo” com a porção divina que o habita. Algumas vezes, só “ouve”, outras “conversa”. Adquire uma grande paz interior, uma lucidez impressionante e uma capacidade de discernimento “acima do comum das pessoas”. É como se “lesse” seus pensamentos e, no geral, sabe o que acontecerá na maioria dos casos. É como se tivesse uma certa “vidência” não física, mas psíquica. A tudo vivencia e a tudo assiste, sem dizer palavra sobre as emoções que estão em seu interior. Sabe que, nesse caso, o silêncio é a melhor forma de proceder, pois ninguém o compreenderá. É o seu segredo! A união com sua alma (a divina **Shekinah**) é algo muito sublime para ser partilhado e divulgado aos quatro ventos!

É um processo a ser vivenciado, alimentado, desejado e cultivado. Quais são os instrumentos para isso? O estudo, a disciplina, a força, a vontade férrea, a Fé, a Humildade, a Esperança, o Amor e o Temor a Deus! E a certeza de que é uma pequena centelha da divindade, cheia de luz e de vontade de brilhar com todo o esplendor que o Criador, em Sua Infinita Bondade a ele, um dia, destinou!

Fontes de pesquisa:

- REGARDIE, Israel. *Magia Hermética: a árvore da vida, um estudo sobre a magia*. São Paulo, Ed. Madras, 2003.
- Os 72 Nomes de Deus – artigo do site <http://www.caminhosdeluz.org>
- BESANT, Annie. *O Homem e os seus corpos*. São Paulo, Editora Pensamento, 2003.
- LÉVI, Éliphas. *A Chave dos Grandes Mistérios*. São Paulo, Editora Pensamento, 2003.
- BLAVATSKY, H.P. *A Doutrina Secreta*. São Paulo, Editora Pensamento, 1998.
- Bíblia Sagrada
- SCHURÉ, E. Os Grandes Iniciados. 7 ed. São Paulo, IBRASA, 1985.

FIM